



METROPOLE

SSA-BA

WWW.METRO1.COM.BR

23 DEZ 2021

Lúcida História

Professor Cid Teixeira (1924-2021), nosso mais brilhante historiador, morreu aos 97 anos, deixando um legado de conhecimento sobre a Bahia e os baianos. Págs 4 e 5



70 anos do suplício do Papai Noel

James Martins

“Mudaria o natal ou mudei eu?”, questionou-se Machado de Assis, em um soneto de 1901, portanto há 120 anos atrás. Antes e depois dele, outros se fizeram a mesma pergunta, refletindo especialmente sobre o crescente consumismo associado à data. Lembro que até meu pai, impaciente ante a patética ceia e o gestual que considerava forçado, resmungou para com a família: “Jesus disse que se devia comemorar sua morte, não o nascimento”. E a figura que se impõe no centro das queixas sobre o desvirtuamento da festa cristã é, sem sombra de dúvidas, o Papai Noel. Muita gente acusa o bom velhinho de, além de incentivar o desvario das compras, dos presentes, da futilidade capitalista, enfim, de apagar a imagem do Menino Jesus em pleno dia de seu aniversário. A acusação chegou às vias extremas há exatos 70 anos, quando o Papai Noel foi enforcado e queimado, diante de crianças de um orfanato local, no átrio da Catedral de Dijon, na França, em plena véspera de natal.

Após a execução, os clérigos (sim, a ação foi promovida pela própria igreja católica), distribuíram um comunicado que explicava que a performance — “Não se tratou de um espetáculo, e sim de um gesto simbólico. Papai Noel foi sacrifica-

do em holocausto. De fato, a mentira não pode despertar o sentimento religioso na criança e não é, de modo algum, educativo...”. Ou seja, havia um fundo óbvio de protesto, resistência, de boas intenções no assassinato do barbudo. Algo assim como aquela música horrorosa dos Garotos Podres. Ao comentar a notícia publicada pelo jornal France-Soir, o antropólogo Claude Lévi-Strauss vasculhou as origens do rito de passagem que é o natal moderno, comentou a crescente influência do modo de vida estadunidense sobre os outros países (inclusive a França) no pós-guerra, evocou os protótipos que formaram a própria persona do Papai Noel, para demonstrar que, mergulhada em seus “sentimentos nobres” (o grifo é meu), a igreja só havia tocado a pontinha da unha da questão.

O ensaio, aliás brilhante, foi publicado em formato de livro no Brasil, em 2008, como parte das celebrações do centenário de seu autor. Fica aqui recomendado: “O Suplício do Papai Noel” (Cosac Naify). Segue um trecho: “A crença que inculcamos em nossos filhos de que os brinquedos vêm do além oferece um alibi ao movimento secreto

que nos leva a ofertá-los ao além, sob o pretexto de dá-los às crianças. Dessa maneira, os presentes de Natal continuam a ser um verdadeiro sacrifício à doçura de viver, que consiste, em primeiro lugar, em não morrer”. O mais intrigante é que Lévi-Strauss prova que o paganismo que se procurou combater com o holocausto noelino saiu mais fortalecido do episódio, pois o sacrifício do rei das Saturnais (uma espécie de Bisavô Noel) era parte essencial de sua existência. “Eis aqui nosso herói reconstituído com todas as suas características”, concluiu.

Voltando a Machado, parece ser inevitável usarmos o Natal como motivo de reflexão sobre a própria existência. Com ou sem Coca-Cola. “Mudaria o natal ou mudei eu?”, insiste o verso. Fato é que tudo muda. E tudo permanece. Lévi-Strauss tá pra provar. Feliz Natal!



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, André Uzêda e Geovana Oliveira**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000





dimitri argolo cerqueira/metropress



dimitri argolo cerqueira/metropress

Moura Dubeux

Alvo de uma operação da Polícia Civil da Bahia, a Moura Dubeux tem tentado reverter a crise provocada contra sua imagem com recebimento de prêmios e notas em sites baianos. A empresa, além de sombrear

a praia de Ondina, tem vendido imóveis sem registro de incorporação (RI). “O cliente acha que comprou uma coisa e recebe outra”, disse Cláudio Cunha, presidente da Ademi sobre a ausência da documentação.

ViaBahia

A Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) aprovou a proposta de instauração de processo administrativo de caducidade contra a ViaBahia. Caso o processo seja concluído, será a primeira rodovia a sofrer intervenção judicial no Brasil.



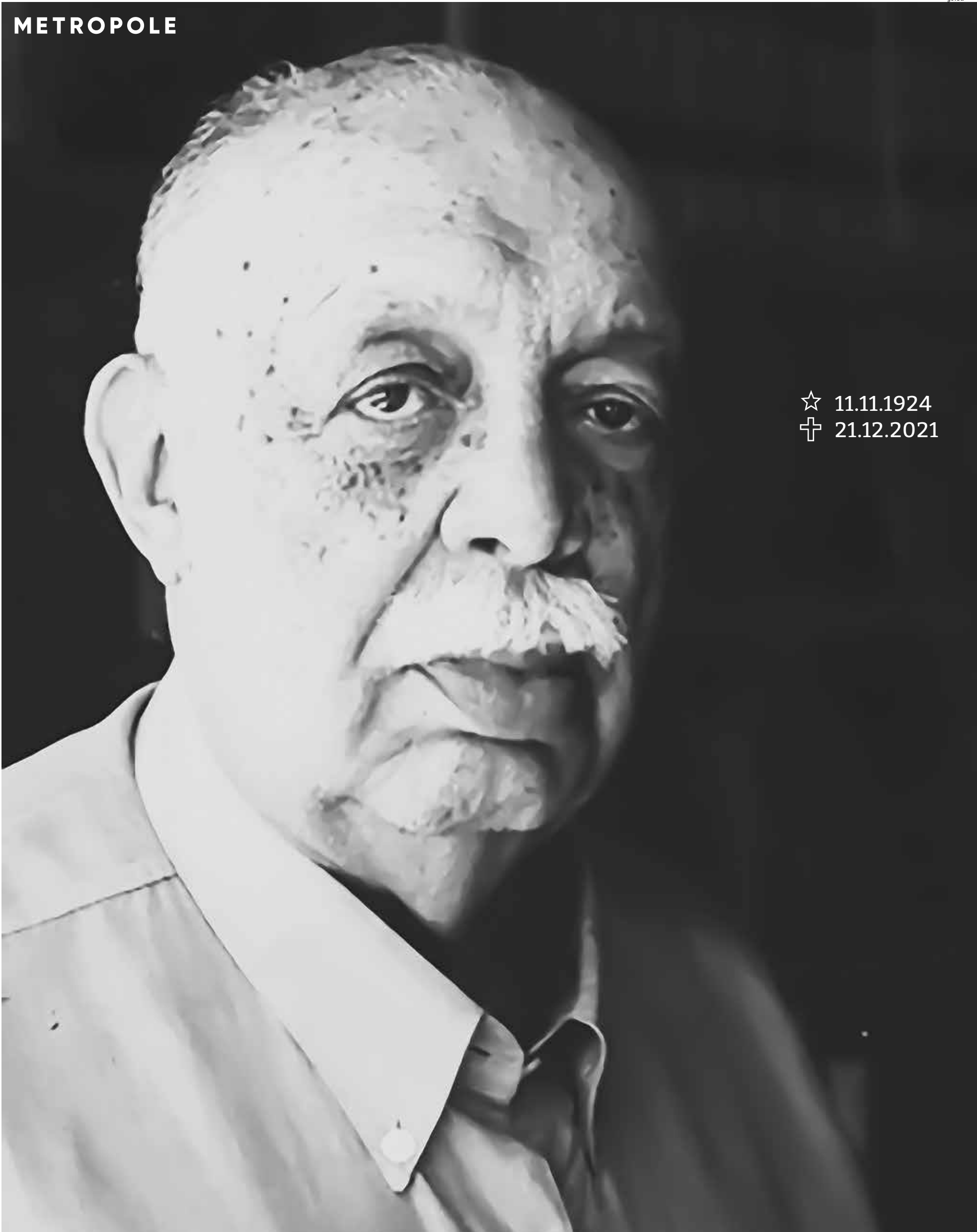
Panetone Santa Dulce.
25 anos fazendo o bem.

VENDAS:
panetone@irmadulce.org.br
(71) 3616-1265 / 1271

APOIO:

METROPOLE
RADIO • JORNAL • WEB

 OBRAS SOCIAIS
IRMÃ DULCE



☆ 11.11.1924
✝ 21.12.2021

Cid Teixeira: a história da Bahia com H

O mais ilustre historiador baiano morreu aos 97 anos, deixando um poderoso legado de ensino e popularização dos fatos ocorridos nesta terra

Texto André Uzêda

andre.uzeda@radiometropole.com.br

Cid Teixeira fez história na Bahia sem nunca ter feito história. Esse chiste mam-bembe nasce para celebrar o competente desvio de rota de um dos mais iluminados intelectuais desta terra, morto na última terça-feira, aos 97 anos.

Diplomado em Direito, em 1948, Cid José Teixeira Cavalcante guardou considerável distância das leis e tribunais, devotando intimidade mesmo para o manejo de documentos antigos, além da escuta ativa dos 'causos' particulares de pessoas extraordinariamente comuns.

Considerado desde jovem um exímio pesquisador, fez um mergulho apaixonado e crítico pela história oficial da Bahia. Foi professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Ufba até 1989, quando se aposentou. Ensinou também na Universidade Católica do Salvador.

Entre tantos legados de uma vida longa e produtiva, destaca-se a facilidade com a qual ensinava a história de forma simples, sem perder a complexidade dos atores e conflitos envolvidos no processo.

Entre seus livros publicados, muitos têm tiragem requisitada ainda hoje, como "Bahia em Tempo de Província" (1986); "História do Petróleo na Bahia" (2001) e "Salvador: História Visual" (2001).

POP STAR

Para além da sala de aula, expandiu territórios no alcance do talento.

Na gestão de Lídice da Mata à frente de Salvador (1993-1996), Cid dirigiu a Fundação Gregório de Mattos. Foi colaborador assíduo do jornal Tribuna da Bahia e esporádico de A Tarde e Correio, além de participações frequentes na Rádio Metropole. Ainda no campo midiático,

liderou a implementação do Serviço de Rádio do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (Irdeb).

Protagonizou programas de televisão explicando origem de bairros, nomes de avenidas e curiosos entrelagos cotidianos.

A voz grave, a mente aguçada e a delicadeza inerente fizeram furar as cercanias dos ambientes acadêmicos para torná-lo um 'superstar da história', e parte da vida cultural e do imaginário da própria cidade.

Nos anos 1980, foi garoto-propaganda de uma premiada campanha da Caderneta de Poupança da Aspeb, explicando que o verdadeiro nome do acarajé é 'acará'.

Nesta mesma peça, aparece dizendo "esse negócio de salada e vatapá é coisa de turista. Se a gente não tomar cuidado, vão acabar inventando o 'acarábumburger', com maionese, mostarda e ketchup".

No livro 'Baía de Todos os Santos', de Jorge Amado, é citado como a definição de "O Senhor da História". Alguém que controlava o próprio tempo e cronologia dos fatos.

Fonte obrigatória para jornalistas, não costumava deixar repórter com dúvidas. Dizia, em fino humor desconcertante: "Pode perguntar de tudo. Quando não sei, invento".

As checagens, se houvesse, não faziam

suas declarações brigarem com os fatos. As respostas de Cid Teixeira carregavam veracidade científica, caminhando léguas de lendas ou folclorismos.

PREMIADO

Nos últimos anos, Cid sofreu duas debacles profundas. Perdeu, contrariando a ordem natural das coisas, seu único filho, Afonso, vítima de infarto.

Quando ultrapassou a marca dos 90, a prodigiosa memória começou a apresentar lapsos, causados pelo Alzheimer — numa daquelas ironias perversas, que encontram paralelo na perda da audição de Beethoven (1770 - 1827) ou na visão turva de Claude Monet (1840-1926).

Pelas suas enormes contribuições no campo científico foi condecorado, em vida, com a Medalha Tomé de Souza, em 1992, pela Câmara Municipal de Salvador. Em 2013, recebeu a Comenda 2 de Julho, mais alta honraria dada pela Assembleia Legislativa da Bahia. Era ainda ocupante da Cadeira 19 da Academia de Letras da Bahia.

Cid Teixeira fez história e foi (senhor da) história na Bahia.



Em 2013, o então governador Jaques Wagner condecora Cid Teixeira com a comenda 2 de Julho

O custo parlamentar na pandemia

De março de 2020 até agora, Câmara Federal gastou dos cofres públicos R\$ 1,4 bilhão somente com auxílios destinados aos deputados

Texto **Alexandre Santos**

alexandre.santos@radiometropole.com.br

Um salário bruto de R\$ 33,7 mil, auxílio-moradia de R\$ 4.253 mil, cota de R\$ 111.675,59 para pagar até 25 assessores, cada um deles com vencimentos de até R\$ 15.698,32.

A lista de benefícios dos parlamentares federais é extensa e bem distante da realidade da maioria dos brasileiros, hoje flagelada pelo desemprego em alta, inflação galopante e a volta da fome.

Atualmente, cerca de 30 milhões de pessoas recebem um salário mínimo de R\$ 1.100, enquanto outras 25 milhões sobrevivem com um quarto desse valor. Somadas a regalias como diárias para passagem aérea, assistência à saúde ilimitada e aposentadoria especial, os benefícios a que têm direito os 81 senadores e 513 deputados federais ultrapassam cifras vultosas a cada ano.

Levantamento feito pelo Jornal da Metrópole com base em dados disponíveis no portal da transparência da Câmara mostra que,

Custos parlamentares

Auxílio-moradia e imóvel funcional

mar. de 2020 a dez. de 2020



R\$ 5.473.218,13

jan. a nov. 2021



R\$ 5.966.965,94

Cota para o Exercício da Atividade Parlamentar (Ceap)

mar. de 2020 a dez. de 2020



R\$ 141.946.995,26

jan. de 2021 a nov. 2021



R\$ 158.525.553,65

Verba de pessoal/gabinete

jan. de 2020 a dez. 2020



R\$ 541.191.392,83

jan. de 2021 a nov. 2021



R\$ 593.500.037,06

Viagens oficiais

dado de março* de 2021



R\$ 55.676,93

jan. de 2021 a nov. 2021



R\$ 1.584.540,84

*Apenas o mês de março está disponível no portal da transparência





entre março de 2020 (início da pandemia de Covid-19) até novembro último, a Casa desembolsou R\$ 1.446,6 bilhão somente com o conjunto de auxílios destinados aos parlamentares (veja infográfico abaixo).

No mesmo período, a chamada verba de gabinete figurou como o gasto mais expressivo: consumiu ao menos R\$ 1,1 bilhão do erário. A verba de gabinete é o valor utilizado como limite para a contratação da equipe de secretários parlamentares — pessoas que são escolhidas diretamente pelo deputado. Ao todo, a Câmara tem 10.255 secretários parlamentares.

Na sequência, foram gastos R\$ 300,4 milhões da Cota para o Exercício da Atividade Parlamentar (CEAP), que custeia as despesas do mandato, como passagens aéreas, aluguel de veículo, combustíveis e conta de celular. Algumas delas são reembolsadas, como as com os Correios, e outras são pagas por débito automático, como a compra de passagens.

O valor da cota muda de estado para estado porque leva em conta o preço das passagens aéreas até Brasília.

Somente em outubro, o dispêndio com tais finalidades chegou a R\$ 14.698.118,93. A maior fatia — R\$ 52.937.870,49 (31,17%) — leva a rubrica divulgação de atividade parlamentar. Em terceiro lugar, os parlamentares usaram R\$ 10,9 milhões em auxílio-moradia, benefício do qual apenas 43 deles abrem mão.

CUSTO PARLAMENTAR

No Senado, a farra com dinheiro público não é diferente. De janeiro a outubro deste ano, os senadores receberam R\$ 17,2 milhões por gastos com deslocamentos aéreos, aluguel, alimentação e combustível. Os valores, contudo, podem ser ainda maiores, uma vez que o pedido de reembolso pode ser feito em até três meses. A cifra daria para bancar 43 mil parcelas de R\$ 400 do Auxílio Brasil, recém-criado pelo governo federal para substituir o Bolsa Família.

Ao contrário dos mecanismos que asseguram uma série de mordomias aos políticos, hoje, por lei, o governo não é obrigado a atender a todas as famílias que estão dentro da faixa de pobreza e extrema pobreza. A fila, que está em torno de 1,2 milhão de cadastros, se forma porque a verba do Bolsa Família encolheu diante da demanda analisada pelo governo. A verba do Auxílio Brasil para 2022 considera que 17 milhões de famílias serão atendidas. A cobertura atual é de 14,5 milhões.

Em Salvador, cerca de 200 mil beneficiários do programa ainda precisam fazer o acompanhamento de saúde sob o risco de terem o benefício cancelado.

De acordo com dados mais recentes da União Interparlamentar, organização internacional que estuda os legislativos de diferentes países, o Brasil tem o segundo Congresso Nacional mais caro do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.

Cada um dos 513 deputados brasileiros e dos 81 senadores custa mais de US\$ 7 milhões por ano — seis vezes mais que um parlamentar francês, por exemplo.

“Se considerarmos não apenas os gastos diretamente relacionados ao parlamentar, podemos afirmar que o Congresso Nacional custa R\$ 30,7 milhões por dia. A conta é simples: a soma dos orçamentos da Câmara (R\$ 6.461.578.116,00) e do Senado (R\$ 4.735.600.603,00), dividida por 365 dias”, calcula economista Gil Castello Branco, fundador da ONG Contas Abertas.

Para Diogo Pereira, especialista em administração pública e governança democrática pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), parte das discussões sobre o quanto se gasta com a manutenção de deputados e senadores no Congresso passa pela questão dos privilégios que está enraizada sobretudo nos poderes Legislativo e Judiciário.

“Será que faz sentido cada deputado ou senador nomear dezenas de secretários, mesmo com o Congresso já dispondo de um corpo funcional efetivo? Hoje, somando Câmara dos Deputados e Senado, há mais de 15 mil cargos de livre nomeação e se a gente olha para as atividades realizadas pelos comissionados, muitas delas são luxos ou atividades que poderiam ser exercidas por servidores efetivos das respectivas Casas”, reflete.

De acordo com o professor, um outro exemplo de desproporcionalidade é a questão da moradia dos parlamentares. “Será que, no contexto socioeconômico brasileiro, faz sentido cada parlamentar ter, à custa dos contribuintes, apartamento funcional ou auxílio-moradia de mais de R\$ 4.000, mesmo com um salário de R\$ 33.763,00?”, questiona.

O cientista político Jorge Almeida, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), explica que o atual modelo de Congresso remonta ao período do regime militar (1965-1985). “Quando a ditadura tirou o poder político dos parlamentares, eles foram compensando com mais assessorias, mordomias e verbas para um monte de despesa. Depois disso foi piorando cada vez mais”, diz, para em seguida traçar um paralelo com os dias atuais.

“Agora, com Bolsonaro, que é quem mais criticava as mordomias, os parlamentares do centrão as aumentou ainda mais. O número de assessores, a quantidade de verbas disponíveis para os parlamentares gastarem de forma livre. Sem falar nos fundos partidário e eleitoral, também exagerados”, assinala Almeida.

Em sua avaliação, a atuação parlamentar voltada a atender redutos eleitorais, especialmente por meio de emendas, transformou deputados em vereadores. “É uma deformação grande do ponto de vista do papel do parlamentar, que é o de legislar, fiscalizar o governo. Não é para ficar reproduzindo seus interesses eleitorais”, analisa Almeida.



Bolsonaro derrete nas pesquisas

fabio rodrigues pozebom/agência brasil



A popularidade de Jair Bolsonaro (PL) vem derretendo nas últimas semanas. Pesquisa do Datafolha divulgada na última sexta apontou que dois terços dos brasileiros acreditam que o presidente cuida mal do país. Essa é a avaliação de 65% dos entrevistados, contra 30% que acham que Bolsonaro cuida bem do Brasil. Outros 5% não souberam responder. Em um levantamento divulgado três dias antes, pelo Ipec (ex-Ibope), 55% avaliavam a gestão federal como ruim ou péssima. Em comparação com uma sondagem feita em setembro pelo mesmo Ipec, a reprovação à administração nacional cresceu 3%. Já o índice de aprovação do governo ficou em 19%. Também houve redução de 4% entre os que o consideram ótimo ou bom —uma proporção ainda maior do que o de aprovação.

PSB fisga políticos

Num movimento contrário ao de siglas como o DEM e o PSL — que, em meio ao processo de fusão, têm perdido quadros importantes —, o PSB vem arregimentando filiações a pouco menos de um ano das eleições de 2022. Somente em junho deste ano, ingressaram no partido o deputado federal Marcelo Freixo (RJ), que concorrerá ao governo fluminense, e o governador do Maranhão, Flávio Dino, provável candidato ao Senado. Agora, a legenda socialista mantém conversas a fim de acolher o ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, que deixou o PSDB após 33 anos. O ex-cacique tucano é cotado para a chapa de Lula (PT) na disputa pelo Planalto.

MPF considera legal campanha do Água para Todos

O Ministério Público Federal pediu o arquivamento de uma ação movida pelo Democratas (DEM) contra o governador Rui Costa (PT) e o senador Jaques Wagner (PT). Na ação, o partido questionava a campanha institucional do governo do Estado comemorando os 15 anos do programa Água Para Todos, criado no governo Wagner. O MPF entendeu que não houve nenhuma irregularidade por parte dos petistas e “se-quer configuraria propaganda antecipada, menos ainda o afirmado abuso de poder político”. De água mesmo, só o choro.



reprodução

Ainda dói

O rompimento entre ACM Neto (DEM) e João Roma (Podemos) extrapola os rumos da política e bate diretamente em outro campo: a perda da amizade e o sentimento de traição. Em entrevista à Rádio Metropole, Neto foi perguntando sobre uma “certa amizade” que tinha com o atual Ministro da Cidadania. Pron- tamente, corrigiu. “Certa amizade, não. Era de frequentar a casa um do outro. Resultado da amizade é que fui convidado para ser padrinho do casamento dele, padrinho da filha dele. João Roma tem muitos valores e muitas qualidades. Confesso a você que desse episódio o que la-mento mais é do lado pessoal, da política já es- tou acostumado com muita coisa”, disse, ainda muito incomodado com o assunto.



marcos oliveira/agência senado

Moro foge de Ciro

Em entrevista ao canal My News, o ex- ministro da Justiça, Sergio Moro (Podemos), negou o convite de conversar com Ciro Gomes (PDT) sobre o programa de cada um para go- vernar o Brasil. Diante do convite da jornalista Mara Luquet para mediar a conversa, Moro foi enfático: “O Ciro, primeiro tem que largar essa postura ofensiva, agressiva para dialogar”. A apresentadora insistiu, dizendo que seria um diálogo “civilizado”, sem ataques e com debate de ideias. Nada disso fez Moro aceitar. A inter- net, então, não perdoou. Moro foi chamado de “arregão” e “covarde” nas redes sociais.



O que acontece na infância não fica na infância

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Ver pais e mães separados expondo seus filhos na imprensa e nas redes sociais, principalmente crianças pequenas, não difere muito de nos depararmos na rua com pais ou mães batendo fisicamente em crianças e pouco poder fazer. Aliás, uma criança agredida por um familiar no meio da rua talvez esteja menos vulnerável, pois dificilmente as pessoas ao redor não tomarão imediatamente alguma providência.

Nos últimos dias, duas famílias - pai e mãe separados e que refizeram suas vidas com outros parceiros - expuseram filhos pequenos nas redes e na imprensa, numa acusação, primeiro de sequestro, feita pela mãe contra o pai. Depois evoluiu para uma contra-acusação, desta vez de maus tratos, feita pelo pai, contra a mãe e o padrasto. Quem tem razão? A justiça que avalie, julgue e aja para proteger as crianças o quanto antes.

Enquanto isso não acontece, as arquibancadas das redes já deram suas sentenças, ajudando a disseminar as imagens das crianças e, achando pouco, marcando jornalistas em comentários, espalhando gasolina sobre as versões, seja a do pai ou a da mãe, espalhadas

irresponsavelmente sem levar em conta as marcas que ficarão disso nas únicas vítimas indefesas dessa história: as crianças. O que leva uma mãe ou um pai a expor em redes sociais imagens de seus filhos, prints de conversas de celular deles?

Não é possível que pessoas adultas, e estamos falando aqui de famílias de classe média, não de pessoas na linha da pobreza e sem acesso a um mínimo de informação sobre fronteiras legais, éticas e morais, não tenham consciência da violência que, a pretexto de denunciá-la em comportamentos de seus ex-parceiros, acabam cometendo contra quem não tem condição de defender-se.

ÁLBUM TRÁGICO DE FAMÍLIA

Criança vai para a escola, tem amigos que, supostamente, dada a ordem natural das coisas, são muito mais imaturos que seus pais, e basta ultrapassar um passo da linha que romantiza o comportamento infantil para lembrar o quanto as crianças são perversas. Somemos a isso a permanência desse lixo todo que os pais espalham nas redes quando num

processo virulento de separações mal resolvidas. Independentemente de quem obtiver na justiça o direito de cuidar majoritariamente desses filhos, fragmentos nada agradáveis da biografias deles estarão irremediavelmente na nuvem, acessível a quem quer que busque. São fotos, diálogos, diagnósticos médicos, resultados de exames e conversas sobre conflitos. Depois vê-se tanto jovem atormentado e a explicação para isso é depositada nos games, na cultura ou na influência dos amigos. Olhar-se no espelho, cadê que?

Mesmo quando se tornarem adultas, essas crianças hoje no olho do furacão por responsabilidade de pai e mãe, carregarão essas versões públicas horríveis do que quer que seja que lhes tenham feito. Essas histórias estarão irremediavelmente inscritas na esfera pública, não apenas no trágico álbum de família que todo mundo tem na dimensão da vida privada. Não é na imprensa nem em redes sociais que se disputa guarda de filho, e expô-los diz muito sobre o caráter de quem faz. E também do caráter de quem se coloca no lugar de juiz de vara de família e vomita soluções para a vida dos outros.

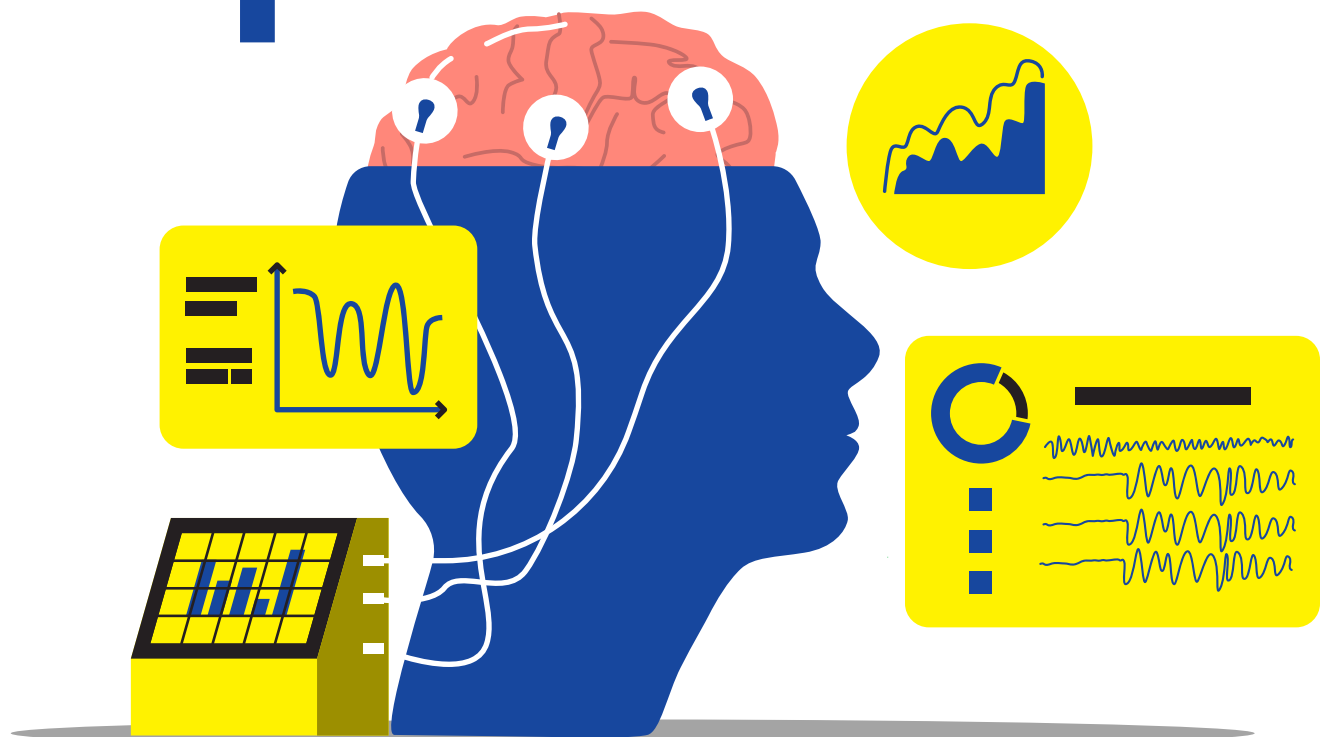
ARTIGO



METROPOLE

O choque em xeque

Cogitado pelo Ministério da Saúde para casos agressivos, o uso de eletricidade em pacientes com transtorno do espectro do autista é ponto de divergência entre especialistas



Texto Adele Robichez
adele.robichez@metro1.com.br

Uma proposta da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, tem causado polêmica entre os grupos atuantes nas áreas da psiquiatria e defensores dos Direitos Humanos.

Em novembro deste ano, o governo publicou um relatório sugerindo atualizações no protocolo clínico e nas diretrizes terapêuticas utilizadas para tratar pacientes com comportamento agressivo no transtorno do espectro do autismo (TEA). Entre as mudanças, o texto cita o uso de eletroconvulsoterapia (ECT), método criado em 1930 e que utiliza uma corrente elétrica a fim de produzir uma convulsão generalizada, afetando a atividade cerebral.

A Conitec, responsável por avaliar a inclusão, exclusão ou alteração de tecnologias em saúde no SUS, assegura que os resultados do procedimento “têm sido promissores”.

Apesar da afirmação feita pela comissão, o médico psiquiatra Ricardo Lugon, membro da Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas com Au-

tismo (Abraça) e da Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME), crava: “não funciona”. Ele diz que há uma grande preocupação em relação às possibilidades destrutivas que o método pode causar.

“A catatonia, que eles citam, é um estado mental na qual a pessoa tem pouca reação ao contexto. É raro e grave. Eu li os artigos que o relatório usa como referência. Eles forçam a barra para compreender os comportamentos agressivos como pertencentes à catatonia, porque é um dos poucos que funciona. É uma forção. É medonho. Não tem estudo praticamente nenhum”, repudia.

De acordo com o psiquiatra, há ainda um interesse corporativo de ampliar o acesso à eletroconvulsoterapia desde 2016. Desde então, segundo ele, vêm sendo criadas facilidades para que os institutos de saúde possam comprar o método. “Existe um monte de abordagem de tratamento. Então, tem uma injustiça de, ainda que não se recomende, citar uma que não funciona. Ou cita as abordagens disponíveis, ou nenhuma”, pondera.

Por outro lado, a professora de psicofarmacologia da Escola Bahiana de Medicina, a psiquiatra Milena Pondé, diz que a ECT, já presente em hospitais particulares, é uma técnica muito eficaz e útil para casos drásticos, sobretudo entre pacientes que não respondem a medicamentos.

Segundo ela, a resistência tem relação com a autoria da sugestão. “Tudo que vem do Ministério da Saúde cria resistência por causa da notória incompetência deles e do anticientificismo. Não é de surpreender que as pessoas se assustem por isso”, diz. “Várias clínicas particulares usam o método e a gente encaminha”, acrescenta.

TERMO TÉCNICO

O documento da Conitec afirma que “a eletroconvulsoterapia (ECT) tem sido apontada como uma opção no tratamento da agressividade”. “Os resultados têm sido promissores e são baseados na hipótese da autolesão no TEA ser um sinal alternativo da catatonia”, justifica o texto. “Essas evidências, todavia, são baseadas em

pequenas séries de casos e muitas vezes direcionadas apenas ao comportamento autoagressivo”, complementa.

Lugon, no entanto, teme que, caso aprovado, o método “normalize” a tortura em pacientes psiquiátricos.

“Tem uma carga simbólica ainda muito viva na memória das pessoas. A eletroconvulsoterapia foi, e possivelmente ainda é — no interior do Brasil —, utilizada como tortura nos hospitais psiquiátricos. Essa é a nossa preocupação. Se naturaliza esse método, que, além de não funcionar, ainda pode ser utilizado dessa forma em lugares sem muita fiscalização”, alerta.

Ainda no relatório, a comissão do Ministério da Saúde justifica que a associação do método à tortura é fruto de “cobertura midiática” e “indicações” inadequadas ocorridas anteriormente.

“O uso da ECT da psiquiatria e neurologia declinou de maneira significativa na década de 1970 e se deu por diversos motivos: o avanço das terapias farmacológicas, uma cobertura midiática inadequada durante a luta antimanicomial e relatos de pacientes que foram submetidos a essa técnica sem uma indicação adequada ou até de maneira punitiva, todos esses fatores estigmatizaram o uso da ECT”.

De acordo com o relatório da Conitec, as técnicas atuais permitiriam que o método fosse aplicado de forma segura. “Atualmente, a técnica empregada utiliza aparelhos mais modernos, permitindo uma regulação mais adequada da carga, a possibilidade de controlar o comprimento de onda utilizada e a frequência do disparo da corrente elétrica. Além disso, para conforto e segurança do paciente, são empregados anestésicos, bloqueadores musculares e fármacos que evitam os efeitos vagais do procedimento”.

O vice-presidente da Associação de Amigos do Autista da Bahia (AMA), Leonardo Martinez, defende a inclusão do tratamento no SUS e diz que a técnica “não é o que parece”.

Pai de uma criança que tem autismo severo, ele ressalta que as práticas são diferentes das usadas no passado. “É necessário diferenciar o tratamento específico do choque, o choque está em desuso, é abominável em todos os ângulos”.

“Não é um procedimento em primeira escolha, para não acharem que em qualquer autista pode ser usado”, completa.

Lugon diverge. “Se você é autista branco, rico vai receber ECT com anestesia, jaleco engravatado e todo o suporte. Se você é autista preto, pobre e periférico e

está há anos institucionalizado num manicômio, vai levar eletrochoque. O aparelho é o mesmo”.

Uma nota de protesto à proposta, redigida por ele e outros especialistas do Brasil, já conta com mais de 15 mil assinaturas, incluindo as de 460 instituições da área psiquiátrica do país.

“A menção à ECT para essas situações, além de contrariar qualquer evidência científica, abre a possibilidade de que as abordagens que violam direitos sejam a única resposta do Estado brasileiro a vidas em situação tão delicada. Trata-se, enfim, de uma ação violenta do Estado contra as pessoas a quem deveria proteger”, diz trecho do texto.

O texto pontua ainda que a citação à eletroconvulsoterapia viola a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) e, por isso, exige “a retirada desta versão do documento da consulta pública”. Ela também rechaça a desconsideração do consentimento do paciente para o tratamento, defendida pela convenção da Organização das Nações Unidas (ONU).

Uma Consulta Pública (nº 107/202) da Conitec e da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos (SC-TIE), está disponível para recolher opiniões sobre a proposta até o dia 27 de dezembro.

Após as reações, a Conitec divulgou, na última sexta-feira, uma nota de esclarecimento que diz que o relatório em questão “trata-se de um documento preliminar”. O órgão também destacou que “a consulta pública é uma importante etapa de revisão externa dos PCDT e as contribuições da sociedade serão consideradas para elaboração da proposta final do texto”.

Tem uma carga simbólica. A eletroconvulsoterapia foi utilizada como tortura nos hospitais psiquiátricos

Ricardo Lugon
psiquiatra

SAÚDE

METROPOLE

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP



Não solta a mão de ninguém

Aumento da miséria social e enchentes no extremo sul tocaram o coração do baiano, que intensificou campanhas solidárias neste Natal

Texto Geovana Oliveira

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Ao longo de todo o ano de 2021, este jornal trouxe matérias sobre como a vida ficou mais difícil na capital baiana. Recorde de desemprego, aumento nas tarifas de ônibus, maior número de pessoas com fome, escalada da inflação e, no último mês, o indicativo de um Natal mais pobre.

O foco desta reportagem, no entanto, retoma a capa do Jornal da Metrópole em abril. Mesmo com drama, a gente vai levando. O número de campanhas solidárias e voluntários em ações sociais também ganhou destaque nos últimos dois anos, desde o início da pandemia da Covid-19.

Hoje, véspera de Natal, algumas campanhas continuam arrecadando doações para as pessoas em vulnerabilidade social, sendo que muitas concretizaram sua contribuição no último fim de semana.

Na Praça da Piedade, o projeto Salvador Invisível reuniu cerca de 200 pessoas em situ-



ÍNDIO GLADIADOR

PIX: 07435384470 (Ednaldo Ferreira de Sousa)



S.O.S CHUVA

Donativos recolhidos nos quartéis dos bombeiros





ação de rua para uma ceia de Natal no último sábado. Durante pouco mais de duas horas, os “invisíveis” apreciaram uma apresentação de músicos da orquestra Neojibá, show de rap e até mesmo teatro de fantoches. Às 19h, foi servida a janta.

Antes da ceia, carros de outras instituições pararam na praça em diferentes horários para doar mingau e feijoadada. Logo depois, foi a vez dos presentes. Durante o jantar, uma das assistidas, Aline Silva Santos, 33, agradeceu pela oportunidade de se reunir com os parceiros, com quem compartilha dias na rua. E, sorridente, comemorou: “Feliz Natal para os maloqueiros ousados”.

A GENTE VAI LEVANDO

Os voluntários dos projetos, por sua vez, compartilham as celebrações, e também as dores. Uma das participantes do SSA Invisível, Juliana Bomfim conta que chorou ao fim do evento.

“Já tinha acabado as quentinhas, já tinha distribuído todas. Então veio uma moça com duas crianças, eu a vi chegando ... Sabia que ainda não tinha comido. Ela tinha uma menina, quando vi, parecia muito minha filha. Me coloquei no lugar de mãe, com uma menina e uma criança. Não tem como você não olhar e pensar que poderia ser sua filha. Eu pedi para esperar e fui lá ver se tinha [quentinha] e não tinha mais. Você voltar e dizer: ‘Não tem, acabou’, principalmente pra criança, é dolorido”, diz com a voz embargada.

Como canta Chico Buarque, no entanto, diante de tanta lama, tanto drama, a gente vai levando...

Com a pandemia, outros grupos se reuniram para fazer doações. O Flashlight também fez uma ação no dia 18, com a entrega de 190 cestas básicas.

O evento aconteceu no Centro de Integração Familiar (Ceifar), ONG que atua prestando assistência a crianças, adolescentes e famílias da comunidade de Tan-

credo Neves. Já no quilombo do Quingoma, em Lauro de Freitas, além das cestas básicas, uma campanha de Natal doou cerca de 800 brinquedos e 4 mil peças de roupa.

“A gente faz isso o ano todo, mas no Natal toca o coração das pessoas, elas ficam mais sensibilizadas — sempre consegue mais doações”, conta a administradora e responsável pela campanha, Gorette Depine, que trabalha com projetos sociais há pelo menos 5 anos.

No último ano, ela diz que a pobreza aumentou assustadoramente. “As crianças não estão pedindo mais brinquedo, estão pedindo comida”, afirma.

CHUVAS

Além das doações para as pessoas em vulnerabilidade social, outro grupo se tornou foco neste Natal: as vítimas do temporal no extremo sul da Bahia.

Desde o dia 10 de dezembro, as fortes chuvas atingiram ou prejudicaram quase 300 mil pessoas nesta região do estado, além de deixar mais de 15 mil desalojadas.

Os bombeiros anunciaram a campanha S.O.S Chuva, que em poucos dias arrecadou mais de cem toneladas de doativos, entre alimentos, água, medicamentos e colchões.

De acordo com o tenente-coronel Nelzito Oliveira, que está alocado em uma base na cidade de Itamaraju, assim que chegam, as cestas básicas são encaminhadas para os municípios. De acordo com ele, as doações chegam de diversas entidades de todo o país.

“É uma situação bem complicada porque tem família que perdeu tudo e vai ter que reconstruir. Isso é um processo que vai demorar um pouco mais. Muitas instituições e pessoas estão se solidarizando e fazendo doações, e a gente fazendo chegar a quem precisa”, conta.

A própria população de Itamaraju se reuniu para doar às famílias afetadas. Segundo Miguel Xavier, que comanda a associação “Vamos Mudar o Mundo”, agora no Natal as pessoas estão doando não só alimentos. Também presentes, brinquedos de criança e cestas natalinas. “A gente continua na luta e acredita que a galera vai conseguir passar o Natal e o Ano-Novo melhor do que eles estão vivendo agora”, afirma.

divulgação



SSA INVISÍVEL

PIX: ssainvisiveloficial@gmail.com

divulgação



FLASH LIGHT SSA

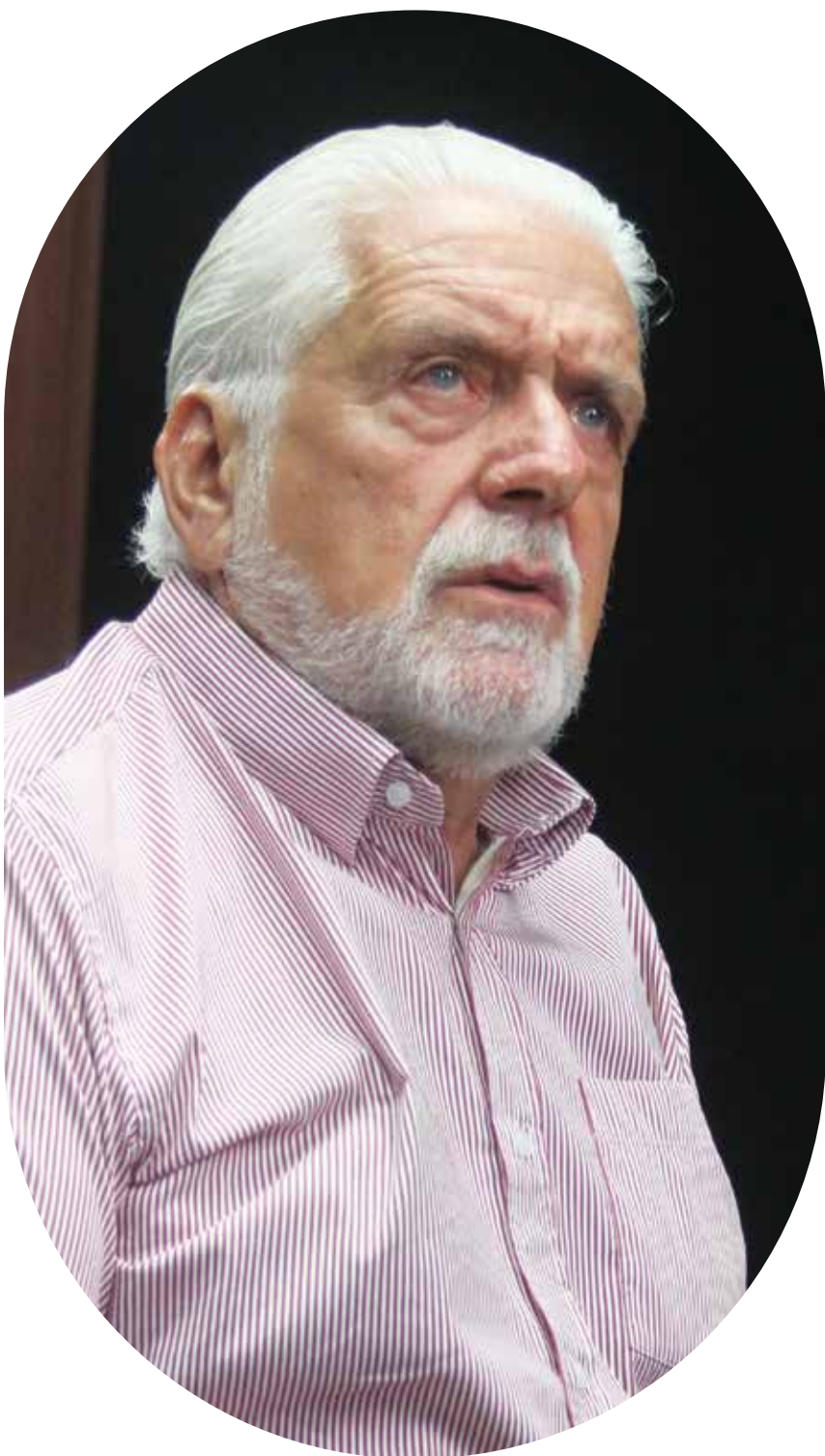
PIX: grupoflashlight@gmail.com

divulgação



CAMPANHA QUILOMBOLAS

Entrar em contato com Rosane Jovelino (71) 9103-5397



tácio moreira/metro press

ENTREVISTA

Jaques Wagner

SENADOR E PRÉ-CANDIDATO AO GOVERNO (PT)

Senador pela Bahia e pré-candidato ao governo do estado, Jaques Wagner (PT) avaliou os números da última pesquisa presidencial e disse que “a situação de Lula é muito boa, mas é preciso calçar as sandálias da humildade”.

A pesquisa do Ipec (ex-Ibope) aponta o ex-presidente Lula (PT) na liderança com folga, com 48% das intenções de voto; em seguida vem Bolsonaro com 21%. Moro (Podemos) tem 6% e Ciro Gomes (PDT), 5%.

Wagner defendeu que Lula precisa estender sua aliança para ganhar mais força na construção da chapa, abrindo interpretação que defende a composição com Geraldo Alckmin, recém-desfilado do PSDB, como vice. “Hambúrguer não é pão com pão. Se faz colocando uma mortadela ali no meio também”, brincou.

MOTE DA CAMPANHA

O ex-governador da Bahia disse ainda que a eleição presidencial terá três grandes polos de disputa. “Um deles é a anticorrupção, capitaneado pelo ex-juiz e ex-ministro. O outro é o da família, que na verdade nem é tão da família assim e capitaneado pelo atual presidente. O terceiro parlance é da democracia, da prosperidade e de fazer o Brasil voltar a caminhar nos trilhos. Esse é de Lula. No polo da anticorrupção temos um falso profeta que perseguiu pessoas quando esteve no comando da Operação Lava Jato. No polo da família, temos um ser humano grosseiro que ataca pessoas e não preza por nada de família. O único legítimo em seu próprio polo é Lula”, analisou.

Na disputa estadual, Wagner reiterou que será candidato a governador da Bahia e aproveitou para alfinetar ACM Neto (DEM), que lidera as pesquisas. “Nós temos um grupo. Temos um time. O grupo dele rachou entre ele e o ministro (João Roma). Eu acredito que ninguém faz nada sozinho e apostado no coletivo. Já ele, eu não sei”, disse.

Hambúrguer não é pão com pão. Se faz colocando uma mortadela ali no meio também

ENTREVISTA

ACM Neto

PRÉ-CANDIDATO AO GOVERNO (DEM)



O ex-prefeito de Salvador e pré-candidato a governador da Bahia, ACM Neto (DEM) disse em entrevista na Rádio Metrópole que o atual presidente Jair Bolsonaro (PL) “tem mais erros que acertos”. E fez ainda um mea-culpa por ter, em outubro de 2018, apertado o número 17 no segundo turno das eleições.

“No primeiro turno, eu fiquei até a última hora, como a gente gosta de falar popularmente, segurando a alça do caixão em apoio à candidatura de Geraldo Alckmin. Eu sabia que Geraldo Alckmin ia ter 4% dos votos, como teve. Mas eu fiquei até a última hora. Naquele momento, muita gente do meu partido, do meu grupo político, já tinha anunciado apoio a Bolsonaro, e eu me recusei”, respondeu o futuro secretário-geral do União Brasil, partido em gestação após fusão entre o Democratas e o PSL.

“Chegou no segundo turno, como presidente nacional do Democratas, eu liberei o partido pra que não houvesse esse apoio formal e, aqui na Bahia, declarei voto a Bolsonaro. Porque, naquele momento era um voto anti-PT. Mas não fiz campanha. Não fiz campanha. Pois bem, declarei o meu voto e votei, como mais de 50 milhões de brasileiros fizeram a mesma coisa, na expectativa que alguma coisa diferente pudesse acontecer na política. (...) Votei em Bolsonaro. Esperei, por um bom tempo, que ele pudesse acertar. Porque o sujeito, depois de eleito, quando ele senta na cadeira, o mínimo que você espera é que caia a ficha e que ele tenha noção do peso do mandato que ele exerce”, disse.

DIÁLOGO

Líder nas pesquisas ao governo da Bahia, ACM Neto disse que está preparado para governar independente de quem seja o presidente a partir de 2023.

“Tenho dito claramente que estou preparado para ser governador do Estado com qualquer presidente que o Brasil escolha. Isso não é promessa, não é discurso. É uma ação concreta e já comprovada. Eu fui oito anos prefeito de Salvador. Governei com dois governadores do PT. Governei com três presidentes da República de partidos completamente distintos: Dilma, Temer e Bolsonaro, e isso nunca trouxe prejuízo para a cidade. Ao contrário, a pandemia mostrou. Permitimos, graças à ação conjunta que não houvesse colapso no sistema de saúde da Bahia”, disse.

ENTREVISTAS



METROPOLE

**Não dê mole
nem pra Covid
e nem pra Gripe.**

Se cuide:



**Siga usando
máscara**



**Evite tocar
nos olhos,
nariz ou boca**



**Lave as mãos
e use álcool
em gel**

PRESERVE A SUA SAÚDE.

PRESERVE A SAÚDE DA SUA FAMÍLIA.

